

Quinzinho

Chamava-se Joaquim, mas era daquelas pessoas, como às vezes reparamos que existem, que mesmo depois de adultas são tratadas por diminutivos. São pessoas a quem os outros, na sua conhecida falta de generosidade, não concedem sequer o uso do próprio nome. Pelas terras de todo o mundo há gente assim, para sempre “Chico” – que em castelhano quer dizer “pequeno”, “Licinha”, casos bem diferentes de outros diminutivos... Sim, porque há também os diminutivos para gente importante. Há o “Schumi”, para Schumacher, mas há a Nini, a Mimi, a Tecas, a Xaxinha, há diminutivos que visam aumentar. Quinzinho esperara em vão que a sua licenciatura em Filosofia fizesse com que lhe chamassem “Joaquim”, porque “Dr. Joaquim” estava fora de questão. Com a crise da Filosofia e do estatuto social dos professores, mais Quinzinho era. Nas tascas chamavam “meia-dose” aos professores, não se importando os tasqueiros de entregar a gente desconsiderada os seus filhos. Quinzinho teve uma arrebatadora paixão por uma colega, mas não sabia tocar nenhum instrumento musical, era baixote e gordinho, não conseguia escrever nada de jeito, não tinha “saída” com mulheres. Durante um almoço pediu a um colega o telefone da colega, desconhecendo que ele era o namorado da colega! O caso, já de si improvável, passou a não ter hipóteses de existir. Quinzinho voltou a Lisboa, onde encontrou um antigo professor, que lhe disse: “homem, investigue!”; Quinzinho perguntou-lhe: “investigo, o quê?”. O mestre disse-lhe: “investigue conceitos, é essa a função da Filosofia!” Quinzinho não se lembrava de conceito nenhum produzido pelo mestre, mas quando voltou às aulas, nos tempos livres, atirou-se a uma folha em branco que assim ficou; não sabia nada sobre conceitos! Um colega de Geografia, desempoeirado, disse-lhe: “se não sabes, copia!” Quinzinho teve medo, lembrou-se de um caso de plágio de artigos na Internet, e teve medo. Mas teve também uma súbita inspiração. Resolveu definir o medo, essa entidade que molda o mundo. O medo é um buraco negro, uma inexistência, é a ausência de confiança nos outros, em nós mesmos, no presente e no futuro. Fazemos tantas coisas por medo! E outras tantas não fazemos por medo! Já tinha escrito umas páginas que achava originais, sobre o medo. Então, numa vingança maldosa, o

namorado da colega que amava em segredo, roubou-lhe o caderno, deu uns retoques aos textos e publicou-os num jornal sindical. “Temos medo da morte, porque é o desconhecido”, disse-lhe um amigo médico. “Temos medo de ter medo”, lera ele algures, durante as suas investigações... Temos medo dos outros, da doença, do sofrimento, das polícias, dos bandidos, dos poderosos. Quinzinho ficou assim, parado, numa atitude de medo, que lhe trazia a paz dos coitados. Ninguém lhe tinha medo, a inveja não era para ele, nenhum punho o atingiria com raiva, nenhuma bala lhe seria destinada... Jung escreveu que até aos quarenta anos temos medo da vida e depois dos quarenta anos temos medo da morte! Assim se consolou Quinzinho, nunca admitindo que não era tímido, como costumava dizer, mas que tinha medo. Não estava só: o medo governa o mundo.

Carlos Mota.